

Organizações borderline: Aspectos psicodinâmicos

A. RITA MARANGA (*)

1. DA (IN)CONSTÂNCIA OBJECTAL À (IM)POSSIBILIDADE DE ELABORAÇÃO PSÍQUICA

Como a própria designação indica, as organizações borderline – «borderland insanity» (Hughes, 1884) – encontram-se no limite... entre a neurose e a psicose, a resolução ou a estagnação no complexo de Édipo, posição depressiva, formação simbólica, desejo de conhecer ou de desconhecer, vida ou morte psíquica.

A análise da literatura psicodinâmica e a observação clínica levam-nos a considerar que as organizações borderline encontram uma das suas principais âncoras numa perturbação precoce do desenvolvimento ao nível da estruturação da constância objectal aquando da sub-fase de reaproximação da fase de separação-individuação (Mahler et al., 1975) e posteriores reaproximações (A. C. Matos, 1994). Deste modo, a insuficiência ou perturbação da mesma, a par da personalidade borderline do objecto materno e sub-

sequente dependência simbiotizante do mesmo, e ausência/demissão do objecto paterno (Brusset, 1988; A. C. Matos, 1994), colocariam entraves à realização das esperadas tarefas desenvolvimentistas, colocando em risco o desenvolvimento da capacidade de lidar com a ambivalência afectiva face ao objecto, a constância objectal (Mahler et al., 1975; Fraiberg, 1969; Shapiro et al., 1975), a capacidade de regulação da distância emocional face ao objecto, a diferenciação entre self e objecto e o crescimento psíquico autónomo do indivíduo.

Perante uma constância objectal frágil e subsequente dificuldade de evocação dos objectos internos, dada a fraca qualidade afectiva e de introjectibilidade do objecto (A. C. Matos, 2000), estar só no caso do borderline poderia ser interpretado como uma verdadeira quasi solidão representacional como no quadro de Picasso (1929) intitulado «Grand nu au fauteuil rouge» (Musée Picasso, Paris) que representa uma mulher gritando angustiada perante o espelho que nada de si reflecte como que confirmando o seu sentimento de vazio interior – e não tanto como uma solidão de conteúdos psíquicos pese embora a natureza essencialmente concreta (M. Ody, 1999; M. Matos, 2000) destes elementos predominantemente β (Bion, 1963) à espera de serem pensados.

A função de rêverie materna (Bion, 1963) ao

(*) Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, encontra-se a preparar a sua dissertação na Temple University (E.U.A.).

atribuir significado às experiências emocionais da criança e ao estabelecer uma continuidade entre a realidade interna e externa contribui para a formação na mesma de uma barreira de contacto «resultado da reintrojecção de algo do espaço psíquico da mãe [que] funcionará progressivamente como um continente relativamente autónomo para as actividades psíquicas da criança» (F. S. Cabral, 1998, p. 129) o que dará lugar ao pensamento elaborado. A organização borderline faz pressupôr a existência de uma certa incapacidade materna para o exercício de uma função contentora (Bion, 1963) o que comprometeria o acesso do indivíduo à dimensão simbólica e representacional da vida mental que conduz ao crescimento psíquico. Encontramos no borderline uma função α insuficiente para transformar os referidos elementos β que povoam o seu mundo interno em elementos α (ibidem), pensáveis, encontrando-se, assim, «aquém da possibilidade de pensar os seus conteúdos psíquicos mais complexos e sempre à beira da acção» (M. Matos, 2000), isto é, da externalização dos conflitos psíquicos não mentalizáveis. As passagens ao acto no borderline constituem como que um curto-circuito de uma elaboração psíquica que não consegue levar a cabo (P. Fédida, 2000).

Surge-nos, a este propósito, a analogia proposta por Wright (1991) entre o mito das irmãs Gorgon – que detinham o poder de transformar em pedra quem se atrevesse a olhá-las nos olhos – e a coisificação que, por vezes, se verifica da intersubjectividade sujeito-objecto resultante do «olhar» do objecto impeditivo do fluxo espontâneo dos afectos e acções do indivíduo. A natureza essencialmente concreta dos seus conteúdos psíquicos leva-nos a supor que a forma como o borderline teria sido olhado pelo outro primordial teria algo de comum com o olhar das irmãs Gorgon.

2. A QUALIDADE DAS RELAÇÕES OU A DEPENDÊNCIA DO OUTRO

A tentativa de colmatar sentimentos de solidão e vazio, tipicamente relatados pelo borderline, decorrentes da inexistência de objectos internos suficientemente bons e estáveis, expressa-se através de uma forte dependência da presença e funcionalidade do objecto externo actual (M.

Matos, 2000). Deste modo, o presentimento de separação relativamente ao mesmo é gerador de angústia de separação, dado o borderline ter estabelecido para si uma espécie de «equação simbólica» (H. Segal, 1970) que coloca o objecto externo como algo equivalente ao objecto interno insuficiente.

Estando no borderline a representação do self ligada à representação objectal, a perda do objecto de apoio fundamental tende a originar uma perda na continuidade do self (A. C. Matos, 1994), isto é, no sentimento de existir, por falta de referências que, ainda que por tempo limitado, desencadearia no indivíduo angústias desorganizadoras de aniquilamento e morte decorrente do confronto com o abismo do vazio sentido. Estas dificuldades associam-se à sua dificuldade em aceder à capacidade de estar só (Winnicott, 1958) por falta de bons objectos internos geradores de segurança.

Desejando intensamente ser ouvido e compreendido, o paciente borderline apresenta dificuldades em lidar com o silêncio associativo e compreensivo do psicanalista (Fédida, 2000), o qual poderá ser evocador de uma angústia de morte e fragmentação corporal insuportáveis.

Decorrente da sua falta de competências sociais e perícias de autonomia (H. Kohut, 1965/1974) suficientemente boas o borderline tende a estabelecer relações predominantemente anaclíticas com os objectos, os quais são sobretudo sentidos enquanto de apoio e não tanto como de amor e dos quais espera obter, mais do que orientações, decisões para a condução da sua própria vida, as quais tem dificuldade em tomar.

Constituindo o modelo de relação agressiva aquele com o qual cresceu e com o qual se sente mais familiarizado, porque pouco amado desde sempre por quem mais importava sê-lo, conduz o borderline a distanciar-se do ciclo relacional amoroso (M. Matos, 2000). Deste modo, tal como no caso dos indivíduos psicóticos, assiste-se no borderline a um predomínio da agressividade sobre o amor e a uma dominância das forças destrutivas sobre o poder construtivo e criativo. Verifica-se ocasionalmente a ocorrência de episódios psicóticos (Gunderson & Kolb, 1978) aos quais estão frequentemente associadas fantasias de abandono, destruição e necessidade imperiosa da presença do outro.

As escolhas objectais do borderline derivadas

de projecções do Ideal do Eu arcaico ou do Eu Ideal desembocam com facilidade em desilusões e, conseqüentemente, em rupturas (M. Matos, 2000). A oscilação separação-reaproximação objectal verificada na infância e nunca sossegada mantém na idade adulta a mesma essência com expressão ao nível da alternância relacional típica do borderline.

Caracteristicamente a relação de objecto do borderline é descrita como baseando-se num vínculo de indiferença frequentemente encoberto por uma aparente intimidade afectiva, na verdade pouco profunda e empobrecedora da vida mental (A. C. Matos, 1994).

3. FRAGILIDADE NARCÍSICA E IDENTITÁRIA

A insuficiência narcísica dos objectos primordiais a par da personalidade borderline dos mesmos, nomeadamente do objecto materno (A. C. Matos, 1994), não teria permitido ao borderline vivenciar a experiência fundamental de ser olhado como outro, mas sobretudo como um prolongamento narcísico do objecto, tendo o amor recebido sido predominantemente captativo e condicional ao preenchimento das suas lacunas narcísicas e de dependência, o que contribuiria para a sua escassez de reservas a esse nível.

A insuficiente reserva narcísica e fragilidade da sua pele psíquica (E. Bick, 1968) tornam o borderline pouco tolerante à frustração e difícil a tarefa de fazer face a exigências de adaptação ao meio, sobretudo a acontecimentos de vida mais stressantes bem como a organização de uma certa capacidade de espera e de gestão dos impulsos e afectos (M. Singer, 1975) através da contemplação, fantasia, reflexão e formação simbólica, podendo mesmo vivenciar angústias desorganizadoras em algumas situações.

Evidenciando sinais de uma falha ao nível da confirmação narcísica primária (H. Kohut, 1965/1974) que o torna dependente do olhar do outro, utiliza nalguns casos defesas grandiosas que visam protegê-lo de um forte sentimento de desvalorização. Quando ferido no seu narcisismo pode desenvolver uma profunda raiva e ressentimento narcísicos (ibidem) de cariz destrutivo, cujo alvo seria tanto o mundo externo e relacional como o seu próprio mundo interior representacional en-

fraquecendo-o, ficando novamente o indivíduo a perder.

Encontramos no borderline uma fragilidade identitária podendo o seu self ser descrito como uma espécie de mosaico (A. C. Matos, 1994). O perigo de difusão da identidade decorre dos processos defensivos de clivagem quer do objecto quer da relação que podem culminar numa clivagem do self bem como do estilo intermitente do borderline investir nas relações e nos projectos de vida.

No borderline predominam as identificações imagóico-imagéticas e xenomórficas e escasseiam as identificações idiomórficas (A. C. Matos, 1994), ausência esta congruente com a noção de falso self (Winnicott, 1960).

A falência no que respeita às identificações primárias e à elaboração do Édipo e da posição depressiva não permite ao borderline identificar-se facilmente com os objectos do sexo oposto, lidar com a competição com o rival nem viver uma sexualidade significativa, mas sobretudo agida com pouco suporte psíquico (M. Matos, 2000).

Aprisionado numa «cadeia afectiva bloqueadora a afirmação da identidade terá muitas vezes de passar pela expressão dramática da ruptura, do desvario ou do comportamento anti-social» (C. Malpique, 1999, p. 59).

4. A DEFESA CONTRA A FRAGILIDADE

O sistema defensivo do borderline, predominantemente frágil e imaturo, coincide com a reduzida integração psíquica (B. Brusset, 1988) do indivíduo.

A clivagem do objecto típica no borderline (Kernberg, 1975; H. A. Rosenfelt, 1952), associando-se à denegação da parte má e à idealização da parte boa do objecto – como refere Fairbairn (1952) esta «bondade» do objecto é relativa, porque sobretudo excitante e frustrante ao nível da satisfação das verdadeiras necessidades do indivíduo – constitui uma defesa contra a ambivalência afectiva relativamente ao objecto, ameaçadora de confusão mental e insuportável para o indivíduo, protegendo-o simultaneamente da depressão correspondente à consciência do desamor do objecto.

A clivagem do objecto tende a dar lugar a

uma clivagem da relação congruente com a natureza qualitativa do sentir do indivíduo face ao objecto em determinado momento. Dependendo se, em determinada circunstância, o indivíduo se identifica com o bom ou com o mau objecto assim o borderline poderá vivenciar uma clivagem do self.

Perante a necessidade de preservação da relação privilegiada o borderline tende a responder ao (pre)sentimento de malignidade do objecto interno primitivo (A. C. Matos, 1994) através da projecção identificativa no objecto externo da malignidade que permite o retomar daquela.

O borderline recorre à identificação projectiva (W. Bion, 1956; Grinberg, 1962; H. A. Rosenfelt, 1952) como forma de se libertar de aspectos da sua personalidade que não consegue tolerar. Mas se estes movimentos projectivos lhe trazem algum alívio ao nível da tensão conflitual, promovem simultaneamente um enfraquecimento do self por perda de energia (A. C. Matos, 1994). Segundo W. Bion (1963) a identificação projectiva decorreria não apenas da necessidade do indivíduo se desembaraçar de certas emoções, mas igualmente da sua necessidade de que as mesmas sejam contidas ou guardadas pelo psicanalista. Podendo este conter e transformar tais conteúdos profundos comunicados pelo borderline em elementos pensáveis e toleráveis para o mesmo estes poderão ser devolvidos e integrados psicologicamente pelo borderline.

Apesar do seu investimento afectivo no mundo que o rodeia, facilmente se desilude e estabelece rupturas com o outro, com consequente «apagamento da sua representação por queda da carga de afecto positivo» (A. C. Matos, 1994) e ameaça à linha de continuidade psíquica (M. Matos, 2000). Tal como os objectos parentais o desinvestiam quando não correspondia às suas expectativas ou necessidades de preenchimento narcísico também o borderline desinveste aqueles que o decepcionam como forma de se defender de um sofrimento psíquico que tem dificuldade em elaborar. Ao contrário do psicótico, que desiste de investir no outro ou em novos projectos, assiste-se no borderline a novos investimentos numa procura constante do que nunca teve e se recusa a aceitar que nunca terá, ou seja, um amor incondicional por parte dos objectos primordiais.

O borderline encontra-se aquém da verdadeira

depressão vivenciando antes, conforme os autores, uma depressão limite, depressão de desamparo ou depressão de abandono, caracterizada, essencialmente, por um sentimento de falta, de vazio, de solidão, de desamparo e por uma angústia de separação (A. C. Matos, 1994). Poder-se-ia dizer que este tipo de depressão defende o borderline da experiência de verdadeiramente se deprimir face à falta básica (M. Balint, 1968) de amor dos objectos primordiais no seu desenvolvimento.

Encontrando-se o desenvolvimento psíquico dos indivíduos intimamente ligado à capacidade de transformação e mudança dos seus processos psíquicos este é sentido pelo borderline como ameaçador dos limites atingidos (M. Matos, 2000). Deste modo, o receio da mudança do que considera ser uma forma de viver acarreta em si o perigo do início de uma forma de morrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balint, M. (1968). *The basic fault / therapeutic aspects of regression*. London: Tavistock.
- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object relations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 484-486.
- Bion, W. (1956). Development of schizophrenic thought. *International Journal of Psycho-Analysis*, 37, 344-346.
- Bion, W. (1963). *Os elementos da psicanálise*. (trad. do inglês). Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1966.
- Brusset, B. (1988). Le père dans les états limites. In *L'enfant, ses parents et le psychanalyste* (pp. 263-279). Paris: Bayard Compact, 2000.
- Cabral, F. S. (1998). *Pensar a emoção – o processo psicanalítico como reconstrução da «barreira de contacto»*. Lisboa: Edições Fim de Século.
- Dias, C. A. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fairbairn, W. D. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. Londres: Tavistock Publications.
- Fédida, P. (2000). Psychanalyse d'adulte, psychanalyse d'enfant. In *L'enfant, ses parents et le psychanalyste* (pp. 193-218). Paris: Bayard Compact.
- Fraiberg, S. (1969). Libidinal object constancy and object representation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 24, 9-47.
- Grinberg, L. (1962). On a specific aspect of countertransference due to the patient's projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*, 43, 436-440.

- Gunderson, J. G., & Kolb, J. E. (1978). Discriminating features of borderline patients. *American Journal of Psychiatry*, 135, 792-796.
- Hughes, C. (1884). Borderland psychiatric records – prodromal symptoms of psychical impairment. *Alienist and Neurologist*, 5, 85-91.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Jason Aronson.
- Klein, M. (1932/1997). *The psycho-analysis of the children*. London: Vintage.
- Kohut, H. (1965/1974). *Self e narcisismo*. (trad. do inglês). Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1984.
- Mahler, M. (1975). *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.
- Malpique, C. (1999). *Pais/filhos em consulta terapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Matos, A. C. (1994). Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 6, 7-25.
- Matos, A. C. (1999). O problema da melancolia na obra de Fairbairn. In *A depressão* (pp. 516-532). Lisboa: Climepsi Editores, 2001.
- Matos, A. C. (2000). *Aula da cadeira Psicologia Clínica do mestrado em Psicologia Clínica, 17/11/2000*. Faculdade de Psicologia e C. Educação (Universidade de Lisboa).
- Matos, M. (1991). *Factores de risco psicológico em jovens condutores de motorizada e sua influência relativa no acontecer dos acidentes*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Matos, M. (2000). *No limite da adolescência – ou aquém e além da adolescência*. Comunicação apresentada no XIII Simposium da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Tema: Espaço e fronteiras – patologia borderline. Coimbra: 10 e 11 de Novembro de 2000.
- Ody, M. (1999). A propos de la notion freudienne de representation limite. *Revue Française de Psychanalyse*, 63 (5), 1633-1636.
- Rosenfelt, H. A. (1952). Notes on the psycho-analysis of the super-ego conflict of an acute schizophrenic patient. *International Journal of Psycho-Analysis*, 33, 11-131.
- Segal, H. (1970). Note sur la formation du symbole. *Revue Française de Psychanalyse*, 34, 4.
- Shapiro, E. R., Zinner, J., Shapiro, R. L., & Berkowitz, D.A. (1975). The influence of family experience on borderline personality development. *International Review of Psycho-Analysis*, 2, 399-411.
- Singer, M. (1975). The borderline delinquent: the interlocking of intrapsychic and interactional determinants. *International Review of Psycho-Analysis*, 2, 429-440.
- Winnicott, D. (1958). The capacity to be alone. In *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 29-36). New York: International Universities Press, 1965.
- Winnicott, D. (1960). Ego distortion in terms of true and false self. In *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 140-152). New York: International Universities Press, 1965.
- Winnicott, D. (1963). From dependence towards independence in the development of the individual. In *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 93-105). New York: International Universities Press, 1965.
- Wright, K. (1991). The other's view. In *Vision and separation between mother and baby* (pp. 23-37). New Jersey: Jason Aronson.

RESUMO

Neste trabalho discutem-se alguns aspectos psicodinâmicos subjacentes às organizações borderline, entre os quais a fragilidade da constância objectal, relacional, narcísica e identitária, alguns dos mecanismos de defesa comumente utilizados pelo borderline e a insuficiência da função contentora, indispensável ao desenvolvimento do pensamento elaborado.

Palavras-chave: Borderline, constância objectal, ansiedade de separação, mecanismos de defesa.

ABSTRACT

The purpose of this study was to examine some psychodynamic aspects underlying borderline disorders. More specifically, it focuses on the fragility of object constancy, relations, narcissism and identity of the borderline; defense mechanisms commonly used and the insufficiency of the container function necessary for elaborate thinking.

Key words: Borderline, object constancy, separation anxiety, defense mechanisms.